

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	34.º Anno — XXXIV Volume — N.º 1169	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6050	120	20 de Junho de 1911	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	6050	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6050	120		

O dia de Camões em Lisboa



A CORPORAÇÃO DA ARMADA NO CORTEJO, CONDUZINDO, NUMA CARRETA, UMA ANCORA DE FLORES PARA DEPÔR NO MONUMENTO DE CAMÕES — O GRANDE CORTEJO NA PRAÇA LUIS DE CAMÕES — O SR. ANSELMO BRAAMCAMP FREIRE, PRESIDENTE DO MUNICIPIO, LENDO A ALOCUÇÃO JUNTO AO MONUMENTO DE CAMÕES, NA PRESENÇA DOS MEMBROS DO GOVERNO E DA MULTIDÃO.

Vid. Chronica Occidental

CHRONICA OCCIDENTAL

O calendario profano está fazendo extraordinaria concorrência ao calendario divino.

Por toda a parte, sobretudo em França, se estão celebrando festas solennes e erigindo monumentos em honra dos homens illustres, ou que pelo menos assim se afiguraram aos olhos dos seus correligionarios e admiradores. Aproveitam-se todos os pretextos e todas as occasiões para se commemorarem os centenarios dos acontecimentos heroicos ou dos heroes mais ou menos autenticos. Lá virá tempo talvez em que seja uma honra não ter estatua na praça publica, reconhecendo-se que os exceptuados e os esquecidos são ás vezes os mais dignos de aquella homenagem. Assim succede com a «Academia Franceza», onde bastantes immortaes bem pouco trabalharam para garantir a sua immortalidade. Fica-se até duvidando das bullas com que elles entraram n'aquelle areopago. A historia da «quadragesima primeira cadeira» mostra bem como o favor e o capricho prevalecem sobre a justiça e como é facil á mediocridade galgar por cima do verdadeiro merecimento.

Por cá acontece tambem a mesma coisa. Quem percorre a lista dos sabios da nossa Academia, não sabe explicar como as portas de tão douta corporação se abriram para alguns d'esses mimosos da fortuna, se fortuna se pôde chamar a se-



CASA DO BECO DE S. LUIZ N.º 1, ONDE, SEGUNDO A TRADIÇÃO, MORREU, NO PRIMEIRO ANDAR, LUIS DE CAMÕES

melhante indulgencia. Alguns d'elles nem sequer deixaram bagagem litteraria, e esses fôram os mais habeis, porque assim ninguem encontrará materia para criticar as suas obras, deixando no nosso espirito a suposição de que teriam alguns valor litterario e scientifico, que, por modestia ou por qualquer outra circumstancia, não ousaram revelar.

Os centenarios e os monumentos teem-se convertido n'uma quasi monomania, devendo porém advertir-se que ella não é exclusivamente moderna e que data de longas eras, sendo notaveis os exemplos que nos fornece a antiguidade grega e romana. A propria Roma christã já coroou no Capitolio alguns dos poetas insignes da Italia e nos jogos floraes da Provença distribuiram se premios aos trovadores, que mais enthusiasavam as assembleias com os seus canticos inspirados.

Em Portugal as festividades religiosas sobrelevaram sempre a quaesquer outras, e a prova está na desenvolvida litteratura que possuímos n'este genero. São innumerados os poemas e descripções em prosa em que se tomam por assumpto as procissões e pompas ecclesiasticas. Não ha duvida que se effectuaram tambem, mórmente por occasião de casamentos reaes, corridas de touros e outras festas analogas, mas o elemento religioso quasi sempre lhes fazia devota e alegre companhia.

Quaesquer que sejam os defeitos e excrescencias que se notem nas celebrações e solemnidades publicas, a que nos vimos referindo, merecem ellas comtudo incondicional applauso, não só porque movimentam a sociedade, animando o commercio e as artes, mas tambem ajudam a fi-

xar a historia, vulgarizando acontecimentos e arancando de imperdoavel obscurantismo os nomes de muitos homens benemeritos.

A festa commemorativa do centenario de Camões não foi só portugêsa, foi da humanidade.

Luiz de Camões foi, qual Homero, não só o cantor immortal das glorias d'um povo, como principalmente o épico sublime d'uma civilização inteira. Derivando, como artista, da fórmula doce e eufónica de Virgilio, herdando do rapsódo colossal da *Iliada*, a energia, o nervo, a vibração que, nos seus rasgos, mal se compadecem com as clausulas oprimentes da regra, do canon do velho preconceito classico, a sua epopeia é, completamente, uma enorme e indefinivel obra de arte.

A sua obra foi grande como a tragedia da sua vida. Foi escripta para que a Patria ficasse um documento sentido e entusiasta das suas tradições heroicas; e ficou, tambem, como um ponto luminoso e attractivo, em que os portugêses fixem a alma e o olhar nos momentos em que seja necessario lutar pela integridade do torrão patrio. Foi o sacrificio de uma vida, feito atravez das dôres angustiosissimas; sacrificio que abençoa e glorifica um grande nome.

Louvavel e lógica, entretanto foi a homenagem da Republica á memoria de Camões. Camões ergueu, como a Republica pretende fazer, o ideal da patria acima de todas as paixões inferiores, de todos os egoismos. A commemoração do seu Centenario deveu se ao partido republicano que, com

homens como Elias Garcia, Latino Coelho, Oliveira Marreca e Teófilo Braga, não podia deixar de compreender quanto a memória do grande épico é o melhor e maior simbolo do nosso resurgimento nacional, como que a encarnação quintessenciada da alma portugêsa.

Ha trinta e um annos, nessa commemoração, vimos desabrochar fulgurante aurora de promettedora liberdade. Então o coração de todo o portugêz bateu alvorçado, cheio de esperanza n'um futuro proximo de redempção. Hoje, que á da liberdade succedeu o sol creador da democracia, a seu calor nos acolhamos todos, que n'elle encontraremos força e amor.

Em 1880, a celebração do tri-centenario de Camões marcára o inicio de uma nova era para Portugal, a continuação da sublime epopeia que teve a sua ultima estrophe na grandiosa alvorada de 5 de outubro. Hoje a altiva e luminosa figura que corôa o seu monumento como que revive, na sua primitiva aureola de gloria.

Camões desaparecido deixou-nos como herança, um povo a redimir, uma patria a resgatar, a mesma que elle engrandeceu, immortalizou e tornou universal. Portugal é a sua alma, o seu espirito, a sua emanação divina. Vem d'elle. Encontremol-o por toda a parte na rude e suprema batalha que encerrou o passado e abriu o futuro.

Invocar o seu nome — como tão bem disse Magalhães Lima junto da estatua do Poeta — é resuscitar a nossa passada grandeza, continuar a nossa historia, reatar a nossa tradição, glorificar a nossa raça, celebrar o nosso povo, afirmar a consciencia nacional, viver emfim para o progresso e para a prosperidade da nação.

JOÃO PRUDENCIO.

Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Valparaiso a Callao

E' o Chile um paiz de fórmula muito alongada, abrangendo uma grande extensão em latitude, desde o Rio Sana (18º de latitude sul) até á ilha de Pedro Ramirez (56º) ao sul do Cabo Horn,

perto de 4.230 kilometros, e tendo uma largura que varia de 170 a 400 kilometros.

A superficie de 757.000 kilometros quadrados é igual á somma das superficies da Allemanha, Belgica, Dinamarca, Hollanda e Suissa.

A população total, que orça por 3.300.000 habitantes, é pequenissima para um tão grande paiz e é uma das causas que obstem ao seu natural desenvolvimento.

Além de consumir todo o vinho que produz, que não é pouco, importa o Chile por anno 8.000 caixas de vinho do Porto, fora o falsificado, 6.000 caixas de Xerez, 200.000 caixas de Whisky e muitas mil de Champagne. Este povo é muito dado ás bebidas alcoolicas, d'onde resulta o alcoolismo, tuberculose e a mortalidade excessiva das creanças, graves inconvenientes n'um paiz que necessita ser povoado e trabalhar.

A Marinha Chilena, apesar de moderna, tem uma historia brilhante e não ha duvida que os seus officiaes são dos primeiros da America do Sul.

Valparaiso é o principal porto da republica, por elle se faz um terço do movimento commercial do paiz; é a sede do Governo da Provincia, da Superintendencia das Alfandegas, da Direcção Geral da Armada, e da Escola Naval. Em 1907 teve este porto um movimento de 1.200 vapores. De 1.409.000 toneladas que representavam a importação, 320.000 eram carvão.

O porto é muito desabrigado dos ventos do norte, que durante o inverno sopram por vezes com violencia. Tem-se feito varios estudos para a construcção de um quebramar, mas a grande profundidade, de 50 a 80 metros, e o facto de ser o fundo de vasa, onde não podem assentar solidos alicerces, tem feito hesitar os engenheiros que foram chamados a dar o seu parecer.

Logo que amarrámos em Valparaiso vieram a bordo cumprimentar-me Ricardo Braga, filho do Consul de Portugal, Arnaldo Braga, que se achava doente de cama, e o ajudante do Almirante Simpson, Director Geral da Marinha.

No dia 7 de manhã, acompanhado pelo filho do Consul, visitei o Governador Civil (Intendente) Enrique Lorrain, o almirante Simpson, Director Geral da Marinha, o almirante Muñoz Hurtado, director das fortificações e o capitão de mar e guerra Recaredo Amengual, Governador Marítimo.

Recebemos convites e fômos feitos socios honorarios do Centro Naval e do Club de Valparaiso, do Club de Viña del Mar, e dos Clubs União e Santiago, de Santiago. Recebemos os mantimentos e sobreselentes que de Lisboa nos tinham sido enviados para Valparaiso pelo paquete *Oronsa* da Companhia do Pacifico, e um helice para o escaler a vapor que mandáramos fazer no Rio de Janeiro e que á data da nossa sahida não ficára prompto.

A 8 de março, vieram retribuir as visitas, o Governador Marítimo, o Almirante Muñoz, e o commandante Gomez, chefe do Estado Maior do Almirante Simpson. Acompanhado dos aspirantes visitei a Escola Naval. Uma parte do edificio cahiu com o terremoto e vae ser reconstruida. Na escola existe o internato e os alumnos entram entre os 12 1/2 e 14 1/2 annos de idade precedendo concurso em que exigem proximamente as materias do nosso 3.º anno do curso dos lyceus. O curso da escola naval dura cinco annos e todos os annos, no verão, se faz uma viagem de instrucção.

Sou de opinião que devia ser transformada n'este sentido a nossa Escola Naval, afim de que os officiaes se habituassem desde novos á vida do mar.

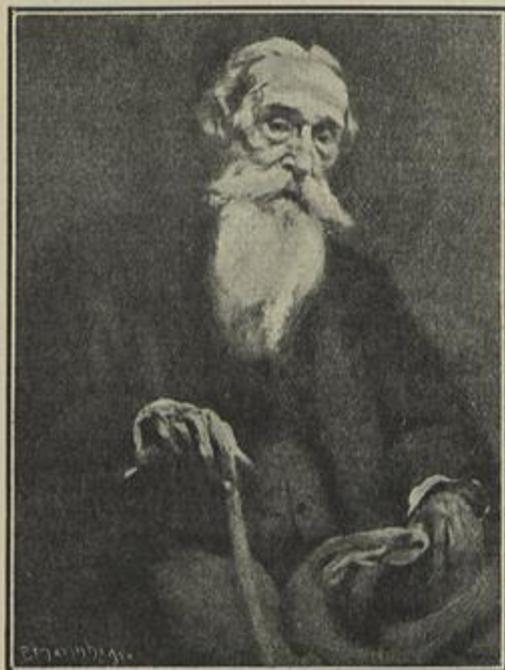
Na Escola de Valparaiso existem bonitos modelos dos navios construidos pela casa Armstrong para o Chili. Depois da visita á escola, foi-nos servido um *lunch* no gabinete do director, o contra-almirante Luiz Artigas.

Recebi no dia 9 a visita do Intendente e do Addido Commercial portuguez o sr. Caldevilla, que convidei a almoçar. A's 4 h. e 30 m. da tarde realisou-se a recepção em nosa honra no Centro Naval onde fui acompanhado de alguns officiaes e aspirantes. Estavam alli, para nos receberem, uma banda de musica, muitos officiaes chilenos, e os almirantes Simpson, Muñoz e Artiga, que depois d'um pequeno *lunch* nos vieram acompanhar ao caes.

No dia 10 mettemos 195 taneladas de Carvão Cardiff ao preço de 44 shillings a tonelada, fornecidas pela casa Geo. C. Henrick & C.º

Acompanhado do filho do Consul de Portugal parti n'esse dia para Santiago, onde com o sr. Luiz Ossa visitei no dia seguinte o Congresso, onde me foi offerecido um *lunch* na sala de jantar dos Senadores, os principaes clubs e edificios interessantes.

Exposição Columbano



RETRATO DO POETA BULHÃO PATO



RETRATO DE UMA FILHA DO SR. LOPES DE MENDONÇA



RETRATO DO SR. HENRIQUE DE MENDONÇA

deiras petroleo das minas do Peru, e tendo telegrapho sem fios e todos os aperfeiçoamentos actuaes. O *Huallaga* esteve fundeado perto de nós em Callao e ali mandei os aspirantes acompanhados pelo 2.º machinista, afim de examinarem as machinas.

Tem esta Companhia Peruana de Vapores y Docas, uma doka fluctuante em Callao que lhe custou perto de 80 mil libras, pois além da construcção, que importou em 55.000 libras, foi necessario pagar 20.000 libras de reboque desde a Europa e 5.000 libras de seguro. Esta doka presta bom serviço em Callao e estava fazendo uso d'ella o cruzador *Lima*, navio chefe da Esquadra. Apesar do subsidio que recebe do Governo, esta companhia difficilmente poderá prosperar. Emittiu 300.000 libras de obrigações, pelas quaes paga 8 0/0, o que é o sufficiente para evitar a prosperidade de qualquer empreza.

Logo que no dia 19 de março fundeámos em Callao vieram a bordo cumprimentar-me o vice-consul de Portugal em Callao, o Coronel Ezequiel del Campo, um official da parte do Capitão do Porto, outro da parte do navio chefe, o cruzador *Lima*, e o representante da casa fornecedora de carvão Grace & C.^a

Pelo paquete *Oronsa* da Companhia do Pacifico, que na mesma tarde saiu para Lisboa, seguiu, por opinião do medico de bordo, o 2.º marinheiro 3967 Raul Paulo, e a nossa correspondencia. Fui a bordo do paquete recomendar aquella praça, atacada de tuberculose, ao commandante, que lhe mandou dar um alojamento para elle só e uma dieta especial. Acompanhado pelo vice-consul de Portugal visitei o commandante das Milicias Navaes, capitão de navios Daniel Rivera e o Prefeito

Carlos A. Velard, visitas que no dia seguinte me foram retribuidas.

No dia 20 visitei na doka o cruzador *Lima*, chefe da esquadra, que além d'este navio tem

aqui os cruzadores protegidos, de 3.250 toneladas *Almirante Grau* e *Coronel Bolognesi*, construidos ultimamente pela casa Vickers.

No dia 21 de março estive em Lima, capital do Peru, e antiga «Cidade de los Reys». Visitei o Consul Geral de Portugal Rafael Canevaro e em sua companhia fui recebido pelo ministro dos estrangeiros Militan Porras, e pelo presidente da republica Augusto B. Leguia, que foram na sua conversa muito amaveis para com Portugal, lamentando que as questões pendentes com o Peru e a coincidência da nossa visita com a Semana Santa lhes não promittissem occupar-se mais de nós. Lima, em 12º de latitude sul, quasi na mesma latitude do que Benguella, tem um clima muito mais agradável.

Quasi nunca chove, é raro haver vento, mas a agua é abundante, sobretudo no verão, proveniente das neves que nos Andes se derretem. De manhã ha sempre um certo orvalho que refresca o ar e a temperatura média no verão é de 22º.

Mettemos 140,700 de carvão Cardiff (Ocean Merthyr) ao preço de 55 shillings a tonelada, posto a bordo, fornecido pela casa Grace & C.^a Estiveram a bordo dois portuguezes residentes no Peru ha muitos annos, o sr. M. Moral, proprietario da maior photographia e lytographia de Lima e José Pereyra, importante corretor da Bolsa, cujo filho, tambem portuguez, é engenheiro da companhia de tramways e iluminação electrica.

A 23 de março foi-nos oferecido um almoço pelo consul geral em Lima, Rafael Canevaro, na sua magnifica residencia em Lima.

Estavam quinze pessoas, entre as quaes Madame del Valle, cunhada do consul, Madame Vianna de Lima, ex-ministra do Brazil em Lisboa, contra-almirante Toribi Ray, dou-



LEAL DA CAMARA

Biblioteca Histórica — A Revolução Francêsa



DANTON



MIRABEAU



ROBISPIERRE



ROUGET DE L'ISLE CANTANDO A MARSELHESA



OS GIRONDINOS A CAMINHO DO CADAFALSO

tor Mariano Prado, deputado, homem político muito influente e director dos tramways, Manoel del Val, general Cesar Canevaro, encarregado de Negocios do Brazil Nicador Carmon, vice-consul Ezequiel del Campo e officiaes do S. Gabriel.

No dia 24, quinta-feira Santa, realisou-se na Cathedral de Lima um officio a que assistiu o Presidente da Republica com todo o Ministerio e elemento official. Tivemos occasião de observar as forças de cavallaria, infantaria e artilharia, que na plaza de Armas faziam a guarda de honra.

Os uniformes são muito parecidos com os do exercito francez, ao passo que os da tropa chilena são copeados exactamente dos allemães. Ali vimos baterias de artilheria de campanha e um grupo de metralhadoras Maxim. O aspecto geral das forças deu-nos a impressão que no caso d'um conflicto armado, ficariam victoriosos os que adoptavam como modelo a Allemanha.

N'este mesmo dia foi-nos offerecido um almoço na praia de Chorillos, o Estoril do Peru, por Madame Vianna de Lima e um chá na praia de La Punta, por Madame del Valle.

(Continúa.) A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata

Exposição Columbano

Encerrou-se ha poucos dias a Exposição de quadros de Columbano, que este notavel pintor organisou no



O POVO NAS TULHERIAS — Especimen das gravuras

seu atelier, por occasião do Congresso de Turismo, e que não devemos deixar passar sem registro nesta revista.

Em o n.º 1165 nos referimos á representação de Columbano no Salon deste anno, com o retrato de uma senhora, D. Alda Lino, que reproduzimos naquelle numero, e um retrato de Bulhão Pato, que hoje damos em gravura.

Estes dois retratos distinguem-se no Salon entre os quadros dos mais notaveis artistas que ali concorrem de toda a parte e a critica parisiense, não é avára nos elogios que lhe tece na imprensa, que não passa indifferente ante elles.

Tanto basta para valorisar o artista, aliás de ha muito consagrado pela sua obra de mestre de uma escola toda sua, que ficará na historia da arte portugüesa.

A exposição que Columbano fez agora no seu atelier é tambem de retratos, o que, se á primeira vista poderá parecer de limitado interesse, não o é porque esses retratos não reproduzem simplesmente o fisico do retratado, mas ainda, como dizer, o seu sentir, a sua alma, são, em fim, estudos psicologicos das pessoas retratadas, que nos dão a impressão de, não só estarmos realmente vendo essas pessoas, mas de as estarmos ouvindo fallar, confessando o seu intimo pensar.

Mais de uma vez o temos aqui dito, mais uma vez o repetimos ao analisar os retratos expostos dos srs. Henrique de Mendonça, de João Chagas, de João Barreira, do dr. José de Figueiredo,

de Affonso Lopes Vieira, de Batalha Reis, que todos conhecemos de perto, e das gentilíssimas filhas de Lopes de Mendonça de uma naturalidade extrema, sob uma pintura tão simples como verdadeira, que é o segredo de Columbano, a individualidade do seu talento de pintor.

Nesta exposição apareceram também alguns quadros de natureza morta, já conhecidos, verdadeiros mimos de arte, longe da banalidade, que em geral, caracteriza este genero de pintura, em que Columbano conserva a mesma individualidade da sua paleta e do seu sentimento.

A Exposição Columbano, visitada por nacionaes e estrangeiros, proporcionou a estes o poderem admirar a obra de um pintor português, que não se filia em nenhuma das escolas modernas e que não obstante triunfa em toda a linha por seu admiravel e singular talento.



Leal da Camara

Rafael Bordallo Pinheiro, pôde dizer-se que creou a verdadeiro caricatura em Portugal, pois que até elle só a cultivara entre nós Nogueira da Silva com certo exito, mas com mais desformidade do que grotesco, carecendo de intenção comica propria a despertar o riso.

Rafael Bordallo tinha a bossa da caricatura e, em nosso entender, nenhum outro o igualou aqui e poucos o terão excedido lá fóra.

Creou tipos, como o do *Zé Povinho*, que ficou para todo o sempre; a *verbe* acudia-lhe ao bico do lapis no mais breve traço e até quando desenhava a serio, elle pendia irresistivelmente para a caricatura.

Bastará contar o seguinte caso para provar o acerto. Estava nos primeiros annos de publicação o *OCCIDENTE* e demittira-se um ministerio para succeder-lhe outro, e quantos mais... Era preciso publicar retratos dos novos ministros em o numero desta revista proximo a sahir. Todos os ministros enviaram as suas fotografias que se lhes pediram, excepto um que se recusou menos delicadamente. Essa recusa, pondo a direção do *OCCIDENTE* em dificuldades para satisfazer seu compromisso com o publico, obrigou-a a lançar mão de um meio que lhes pareceu mais pratico, no momento, e foi o de recorrer a Rafael Bordallo para desenhar de memoria o retrato.

Dito e feito, o *OCCIDENTE* sahio com os retratos do novo ministerio e o do tal ministro, desenhado por Bordallo era, porventura, o mais parecido de todos, apesar de ser um tanto *charge*, e tanto que o mesmo ministro, acaso, despeitado, fazia publicar poucos dias depois, em uma das folhas diarias de Lisboa, o seu retrato gravado de fotografia que, afinal, estava menos parecido que o desenhado por Bordallo, como o publico o confirmou.

E' que o retrato feito por Bordallo era tanto fisico como psicologico nas suas linhas.

Vem isto a proposito de Leal da Camara, cuja *verbe* do seu lapis veio continuar a de Bordallo Pinheiro, que permaturamente se estinguuiu em toda a pujança de seu espirito.

Mais feliz do que Bordallo, Leal da Camara, se sofreu as perseguições que o obrigaram a exilar-se em país estrangeiro, essa circumstancia lhe permitiu dar maior vulto ao seu talento e tornar seu nome conhecido em toda a Europa, o que não aconteceu a Bordallo, vivendo nos estreitos limites da sua terra onde espalhou seu talento a flux.

Leal da Camara devia continuar a obra de Rafael Bordallo, embora com a feição propria do seu talento, sem preocupações imitativas, antes todo individual.

Começou a ferir a nota ridicula ou comica das personagens mais elevadas da politica caseira e foi andando até ao chefe do Estado, exagerando-lhe o chapéu á Mazantini e o grosso havano seu companheiro inseparavel. Os tempos eram outros; o poder real impunha-se e a *Marselhesa*, onde Leal da Camara cahia a fundo com o seu lapis diabolico, sobre todos esses ridiculos, teve de desaparecer crivada de querelas, e o caricaturista de optar entre o espatriar-se ou o ficar... no Limoeiro.

Leal da Camara passou a fronteira, passou por Madrid quasi de corrida, pois lhe não era tambem permitido dar largas ali á sua satira, e eil-o em Paris, onde em pouco tempo se encontrou á vontade e o seu lapis, na *Assiete au Beurre*, levava-lhe o nome por essa Europa, firmado nas audaciosas caricaturas que faziam rir o mundo,

do velho Leopoldo da Belgica apaixonado, dos erriçados bigodes do Kaiser, e de todas as testas coróadas, em que Leal da Camara descobria sempre a nota ridicula.

Leal da Camara estava consagrado caricaturista na França ao lado de Caran Ache, de Forain, de todos os grandes humoristas que desopilam a humanidade de tristezas.

O caricaturista da *Marselhesa*, do *D. Quixote*, da *Corja*, dá agora um pulo de Paris a Lisboa, onde vem, a convite da redação da *Satira*, fazer umas conferencias sobre a caricatura e caricaturistas, como as tem feito em Paris, sobre a caricatura em Portugal.

Pois que venha Leal da Camara matar saudades deste ceu azul, e alegrar com a sua exuberante *verbe* os seus amigos e compatriotas que o esperam.

C. A.



ALFREDO DAVID

BIBLIOTECA HISTORICA

A Revolução Francêsa

A Historia é tudo para a ciencia educativa, pois se ella é o relato dos factos passados e dos que vão ócorrendo, isso contitue o melhor ensinamento para o futuro pela lição que delles se colhe, donde vem o dizer-se:



MIGNET

«A Historia é a mestra da vida.»

A necessidade do ensino da historia impõe-se, como o que mais esclarece o bom juizo; vulgarisa-a é tudo, pondo-a ao alcance de todos, popularisando o seu conhecimento.

Foi o que teve em vista Alfredo David, iniciador da *Biblioteca da Infancia*, que tão bons servi-

ços educativos está prestando com a publicação já de uns oito volumes, — a que esta revista por diferentes vezes se tem referido —, iniciando agora a sua *Biblioteca Historica*, em volumes de umas duzentas paginas nitidamente impressas em bom papel, e ilustradas de profusão de gravuras finissimas, que com umas lindas brochuras ou cartonagens a percalina e ouro, constituem um atraente volume, cujo preço infimo de 200 réis brochado ou 300 réis cartonado, o põe ao alcance de todas as bolsas.

E' assim que se presta bom serviço á educação publica, pondo em circulação livros de boa leitura e ensinamento, a despeito de tantos romances avariados, com que por ahi se explora o leitor e se lhe dá falsas noções que lhe transtornam o entendimento.

O primeiro volume publicado pela *Biblioteca Historica Popular e Ilustrada* é a *Historia da Revolução Francêsa*, por Mignet, escritor quasi contemporaneo daquelles factos, e que morreu, em Paris, em 1884. E' uma historia sucinta, sem a difusão de Thiers, de proveitosa lição.

Foi escolha acertada o iniciar esta biblioteca com um livro popular consoante o subtitulo que tem de *Biblioteca Historica Popular e Ilustrada*, concordando plenamente com a illustração e intelligencia de seu diretor, Victor Ribeiro, espirito infatigavel, operoso, sobejamente conhecido na republica das letras por seus trabalhos de investigação historica que lhe abriram as portas da Academia das Ciencias.

Victor Ribeiro, coadjuvando Alfredo David com a direção literaria da *Biblioteca Infantil* e agora com a da *Biblioteca Historica*, completam-se na ardua tarefa, da escolha de obras e da sua apresentação, que ninguem melhor a sabe fazer que Alfredo David. Já Trindade Coelho

o dizia com toda a autoridade da sua pena e do seu espirito:

«E' mais do que um encadernador o sr. Alfredo David, muito mais do que um bibliofilo; e chega a confundir-se, no amor com que trata um livro, com o proprio que escreveu o livro!»

Entende elle, e muito bem, que pôr um livro bonito e vistoso é não só ser seu colaborador, senão tambem tornál-o atraente e, por consequente, tornál-o util; — e se atendermos a que uma estante é numa casa ou num gabinete um movel muito decorativo, mas que só o será quando cheio de livros, e que estes, por sua vez, serão tanto mais decorativos, quanto encadernados com maior esmero, a conclusão é que o sr. Alfredo David é um importante auxiliar das artes decorativas, — na sua applicação, deixem-me dizer assim, mais nobre e mais espiritual.»

Tão bem dirigida e tão bem apresentada, a *Biblioteca Historica* destina-se a grande exito.

A' *Historia da Revolução Francêsa*, segue-se a *Revolução Portuguesa*, o 31 de Janeiro (Porto — 1891) por Jorge de Abreu.

E' facil prever o interesse que deve despertar a historia dessa revolução, que foi o prologo da jornada de 5 de Outubro de 1910 que implantou o novo regimen em Portugal.



VICTOR RIBEIRO

(Cliché de Furtado & Reis)

Digressão pelo oeste do Algarve

III

(Continuado do n.º 1168)

Por aquella linda manhã de verão apeíava-me do comboio na estação de Silves, onde, complacentemente, um empregado me guardou uns objectos de viagem e fui seguindo a pé por uma colina para a histórica cidade, distante pouco mais de um kilometro.

As figueirinhas, as amendoeiras e as alfarrobeiras ornamentavam, como sempre, a paisagem e tanto quanto a minha vista alcançava do alto do monte para a banda de leste, para o lado de Faro, essa arborização estendia-se pelos campos a enorme distancia.

Quando descia o declive oposto, deparou-se-me theatralmente o quadro da vista de Silves, de um efeito arrebatador.

Ao fundo erguiam-se azuladas as alterosas serranias de Monchique; mais á frente desfilavam sérias de arborizados montes, paralelos aquelle em que eu estava, separados assim por uma larga veiga, que do norte segue para o sul, com um riosinho serpenteando em graciosas curvas, ladeado de verdejantes hortas e culturas.

A meio da veiga, como um enorme navio carregado de casaria, que fosse singrando para a barra, elevava-se n'um isolado monte a celebrada Silves, quasi cercada no alto por negras muralhas e quadrelas e tendo como ponto culminante a torre da velha Sé gótica.

Uma fileira de bancos de alvenaria de proposito construídos a um dos lados da estrada que, sempre descendo, descreve uma larga volta, convidam a gozar o surpreendente panorama, de um conjunto tão ridente e grandioso, e n'um d'elles me sentei contemplativo.

Acodem-me á memoria alguns factos históricos de que a illustre cidade foi teatro; nos longes da historia apparece ella fundada pelos antigos grandes navegadores e commerciantes, que foram os Phenicios; mais tarde é eclipsada, no tempo dos Romanos, por a notavel Ossónoba, de que tantas recordações archeológicas existem no museu de antiguidades lusitanas de Belem.

Outra vez se tornou Silves notavel sob a dominação dos Arabes e Mouros, que a elevaram a capital do Al-Garb ou do Occidente, com o nome de Chencir, celebrando-se esta entre os musulmanos, sendo então muito mais extensa do que a que hoje existe.

Assim decorreram quatro séculos de prosperidade, até que morrendo o seu rei ou walli na batalha de Ourique, depressa annos depois os portuguezes de D. Sancho I, ajudados pelos cruzados arribados a Portimão, a quem prometeram o saque da cidade mourisca, tomaram, depois de algumas semanas de heroica defeza, a quasi inexpugnável Chencir.

Novas hordas arabe-mouriscas a retomaram ainda depois, e por mais cincoenta annos existiu ali o poder de Mahomet, até que sob o reinado do famoso Al-Mansôr, que foi notavel poeta e rei cavalheiresco, novo cerco foi posto pelo mestre de São Thiago D. Payo Peres Correia e de todo cahiu a cidade em poder dos christãos, morrendo o seu illustre rei n'um pégo do rio de Silves, junto ao monte Almedina.

Por muito tempo foi ainda Silves a cidade chefe do Algarve christão, tanto politica como religiosamente, pois o bispo de Silves era o antistite da provincia; decahiu depois e já desde dois séculos a plana cidade de Faro é quem tomou a jurisdicção governativa.

Agora o fumo de algumas chaminés de fabricas, edificadas aos extremos da antiquissima cidade, mostravam-me que Silves se ligava á civilização moderna, pelo trabalho fabril dos seus operarios.

Aos lados do seu lindo riosinho, as hortas com suas nóras e almacegas mostravam-me tambem que os camponêzes continuavam a tradição mourisca da horticultura, como pelas mesmas razões a varzea, que em Lisboa se estende do Poço dos Mouros ao Arieiro, é por egual maneira cultivada.

Depois de me hospedar na cidade, procurei logo subir á sua maior altura, a vizitar a antiga Sé, e, subindo sempre, lá se devia chegar; assim foi, e tive o prazer de lhe verificar as varias caracteristicas do estylo ogival singelo; o pórtico com uma serie de columnelos em reentrancia terminados em ogivas; na altura do côro outra janella gótica ladeada de botareus; a parte superior e a torre da direita,— pois a esquerda está

em ruina,— é que são de reconstrução mais moderna (devido talvez a terramoto), como atestam as suas linhas barôco-jesuíta.

Internamente são nobres as linhas architectonicas de puro estylo egival, tendo o arco cruzeiro no alto a ogiva enriquecida com lacêtes de pedra, como em egual caso na Batalha; infelizmente é tudo prejudicado pela desastrada idéa de terem avivado as fiadas de pedra, já de si avermelhada, com uma demão de tinta róxa! e as juntas d'ellas destacadas com brancas listas de cal, on cimento, o que estabelece uma confusão de riscas de um péssimo gosto e de mau effeito perspéctico.

As muralhas e quadrelas, testemunhas da longa occupação moura, seguem proximo ao templo, coroando quasi toda a parte alta da cidade; algumas d'ellas, só por milagre de equilibrio ainda existem, pois as bases estão em parte desaparecidas.

N'uma ou n'outra torre pequenas janelas com varões de ferro, lembram ergástulos e á imaginação afigura-se-me que vão apparecer no alto d'aquellas ameias, rebarbativas figuras de mouros com turbantes, envoltos nos brancos albornózes.

Em quanto traçava do natural, no album, mais alguns esboços, como o exterior da capéla dos Martyres, com uma interessante fachada D. João V e a singularidade de ter a abside com ameias góthicas, como a capéla de S. Jorge de Aljubarrota, e um outro representando um conjunto de prédios e muralhas arruinadas; varios rapazinhos e alguns operarios e soldádos juntaram-se em torno, como mirónes, a verem-me desenhar, admirando a rapidez da execução; um operario resumiu a impressão geral, explicando o meu interesse artistico:

— Estes senhores d'outras terras, quando aqui vêm, acham muita graça a estas vistas de cá, mas a gente, como estamos acostumados a ver isto todos os dias, já não lhe damos importancia nenhuma.

Por ultimo, fui admirar, n'um extremo da cidade, um monumento silvense, que me indicaram, e que é um alto cruzeiro de seis metros, todo de marmore branco, com ornamentação manuelina, tendo de um lado o Crucificado e do outro uma Nossa Senhora; é a Cruz de Portugal, como lá lhe chamam, que pela sua isolada situação infunde melancolia e respeito.

Quando me retirava de Silves, antes de passar a sua magnifica ponte de cantaria, vi um caes em miniatura, com seu guindaste de mão, mas o curioso era não haver ali agua, por motivo do rio ser então um modesto filete pelo meio das margens, soube então que nas marés cheias a ria de Portimão, aonde o rio de Silves vae desaguar, reflue até á cidade e então os barquinhos com peixe vem á descarga n'aquelle minuscuro caes: em tempos idos vinham os galeões de pesca até ali, dizem, mas o açoriamento dos fundos não o permite já senão a pequenas embarcações.

Da estação segui ainda com dia até Tunes, por entre ferteis e lindos campos; ali, ao começo da noite, chegaram ao mesmo tempo, á tabella, o comboio em que viéramos, o que vinha de Villa Real de Santo Antonio e o que chegava do Barreiro, rebocados pelas suas grandes machinas de sobrenatural aspecto.

(Continúa.)

RIBEIRO CHRISTINO.

A casa submarina

POR

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1166)

«Vou tentar descrever aquelles logares e todo aquelle scenario, para mais facilmente se ajuizar as sensações que senti, e se possa seguir mais detalhadamente o relatório do meu terceiro desembarque na ilha de Ken.

«Imagine-se uma extensão de terreno ondulado por altas ervas e prados banhados por uma luz branca, coroada pela abobada celeste, e contornada em parte por extensos bosques que iam morrer na direcção da praia. Uma nebrina azulada, pairando no ar por so-

bre todos estes prados, parecia penetrar nos nossos cerebros e fazer com que todos estes bosques, e todos estes campos, se percam pouco a pouco da nossa vista, e em seu lugar, vérmos apparecer uma grande cidade cheia de templos magestosos e rochedos dourados pelo sol que parecem elevar-se até ao céu.

«Vêem-se aqui e ali, algumas tão profundas que não ha olhos que as possam sondar; passam-se deante de muralhas construídas de cima a baixo com pedras preciosas; observamos coisas extraordinarias, e tudo nos convida a dormir e descançar no bosque, sobre a terra fresca, debaixo d'uma arvore prateada por aquella luz phantastica, ou a percorrer os seductores valles cheios de plantas desconhecidas.

«A cidade está povoada por innumeradas figuras que se movem, figuras sensuaes de donzellas que resplandecem com as suas vestes de ouro e perolas; n'outros sitios ha um exercito de gigantes vestidos de armaduras negras, e animaes terriveis, que nunca se viram até ali, e feras espantosas como nenhum cerebro pôde conceber nem imaginar.

«E' preciso tambem ter-se presente, que os vapores da ilha estimulam as faculdades de tal modo, que a terra e o céu deixam de sujeitar o homem, e este parece elevar se sobre a esphera até chegar aos mundos desconhecidos d'elle, saltando e fluctuando por sobre os mares e das montanhas como um ser phantastico. Dir-se-hia que alijando a sua fórma mental e vivendo nas moradas superiores, tão longe d'ellas e tão infinitamente pequenas, principia então a conceber o que é a Eternidade.

«De repente, aquellas visões desaparecem, e em seu lugar ficam então os bosques negros e as impenetraveis trevas da natureza. Perde a exaltação em que se evolava, as luzes amortecem e apagam-se por completo, o abysmo do Nada fecha-se em volta do homem.

«Se se desperta d'aquelle sonho e se chega a andar vacilante alguns passos, crerá então que está despertando do somno eterno.

«Taes são as sensações que a ilha de Ken dá ao homem, quando chega a ella na época do somno, sensações que duram até cair no solo. E quando se dorme, inutilmente a chuva lhe açoiará a cara, o sol o queimará, e a lua o banhará de luz, porque permanecerá estendido sobre a terra, sabendo que existe, mas sem poder tomar parte na vida, nem gozar do buliço do mundo.

«Descrevo assim as minhas proprias impressões na ilha, com o fim de que o leitor possa comparal-as com o que dizem os livros, e o que affirmam outras pessoas que visitaram tambem a ilha maravilhosa, mas nem eu, nem o valente homem do mar que ia commigo, esquecemos, apezar de tudo, a empresa humanitaria que nos havia levado aquellas paragens, nem tampouco nos entervimos a falar das nossas sensações emquanto outros seres humanos podiam reclamar tão urgentemente o nosso auxilio.

«Passámos do delirio á razão, das alturas das illusões ás profundidades do desespero e da tristeza, mas conservámos sempre a idéa do que iamos fazer, levando a consciencia a gritar-nos sempre «ávantel!» que nos animava a affrontar tudo, se com ella podiamos salvar algum dos pobres naufragos.

(Continúa.)

RICARDO DE SOUZA.

Ha mulheres para quem a constancia se reduz a isto: O intervallo que separa duas phantasias.

Visita do «Adamastor» a Angra do Heroísmo

A' gloriosa ilha Terceira, que tanta dedicação e sacrificio tem patenteado historicamente em prol da Independencia e da Liberdade, não podia ter sido indiferente o heroico movimento revolucionario de 5 de outubro, que implantou a Republica, esperança do ressurgimento da Patria portugueza; assim a heroica ilha açoriãna, como todo o país, aceitou rapidamente o novo regimen politico.

Compreende-se portanto o alvoroço e as manifestações festivas, com que recebeu em meados de fevereiro passado, a visita do *Adamastor*, navio que teve uma parte tão importante na revolução republicana.

Recebidos festivamente na Camara Municipal de Angra do Heroísmo, — onde estavam as autoridades civis e militares, entre um enorme entusiasmo popular, — 30 representantes da officialidade, dos sargentos e dos marinheiros daquelle vaso de guerra, foram trocados nessa ocasião patrioticos discursos; seguiram-se depois, na curta demora do *Adamastor*, varias manifestações festivas, taes como uma toirada á corda; um luzido baile; um cortejo noturno á *flambeaux* de maravilhoso efeito, e uma recita de gala estando ornamentada a sala a colchas e flôres e que decorreu entusiastica.



VISITA DO «ADAMASTOR» A ANGRA DO HEROISMO

GRUPO DE OFICIAES. ACOMPANHADOS PELA COMISSÃO E CONVIDADOS, NO JARDIM DA QUINTA DOS FOLHADAES, PERTENCENTE AO SR. FREITAS

Foi tambem a officialidade obsequiada com um passeio em dezoito trens, em que tomaram parte pessoas das mais importantes de Angra, á linda quinta dos Folhadaes, nos suburbios da cidade, terminando a festa com um opulento *lunch*, em que se trocaram eloquentes brindes, sendo alvo de geraes aclamações o heroico capitão-tenente Cabeçadas, o qual modestamente endereçou para o povo da capital, que é o mesmo povo da Terceira, como elle disse, o grande facto da Revolução.

seria preciso fazer de novas especies, para que são proprios os seus terrenos. E' assunto que deve interessar a todos os portuguezes, e portanto aos governos deste país, para levantar aquelle resto do nosso imperio indiano do abatimento em que se encontra. A emigração é ali extraordinaria para a India inglesa, o que até certo ponto equilibra o seu estado financeiro, porque esses emigrantes remetem, periodicamente, dinheiro ás suas familias. A que estado chegou o grande Imperio Português no Oriente!

Algumas nitidas fotografias foram tiradas por amadores nessa ocasião, sendo uma dessas, representando a officialidade do *Adamastor* entre civis e militares de distincção da ilha, a que o OCCIDENTE publica, consignando assim uma das varias patrioticas manifestações, feitas na historica cidade de Angra do Heroísmo, a mais celebre do arquipelago dos Açores, aos heroes da Revolução Portuguesa.

Publicações

India. — Conferencia pelo sr. capitão Faure da Rosa, realisada no Centro Republicano de S. Carlos. Editora, *A Nacional*, Rua do Ouro, 178, 2.º, Lisboa, 1911. Esta conferencia, descreve o nosso reduzido Estado da India, em territorio e população aliaz muito densa, a sua agricultura rotineira e a que

Electro Anesthene Tugman (Registado)

PATENTE

Operações sem dor, sem perigo, sem cocaína
Por meio da Syringa Electrica A. B. Tugman

Demonstrado em Londres, Portugal e Hespanha perante a arte e approved

Tratamento de doenças da bocca e nevralgias por meio das infiltrações electricas

TUGMAN LOCAL ANESTHESICO — EEMPLASTROS TUGMAN

O unico meio de operar sem dor e sem perigo

A. B. TUGMAN, DENTISTA — PALACIO FOZ

Apparehos fabricados pelo **DENTAL MANUFACTURING COMPANY LIMITED — Londres**

Agencia e deposito de apparehos Hickie Brothers

RUA DO CRUCIFIXO, 7, 1.º — LISBOA



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815

Vierling & C.ª

Abriam o seu estabelecimento

104, Rua dos Capellistas, 106
17, Rua Augusta, 19

Negoceiam em Cambios, Papeis de Credito, Coupons, Ordens de Bolsa e Loterias.

Telephone, 2873

Endereço, Fundos.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais eficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debeis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias

Capas especiaes para a encadernação d'O OCCIDENTE

Preço 800 réis

Capa e encadernação 1\$200 réis